



A Chama Reacesa: o Jornalismo Literário na Imprensa Contemporânea¹

Mariana Lazari da Silva e SILVA²

Ronaldo SALGADO³

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE.

Resumo

O Jornalismo nasce, no Brasil, com a presença de escritores nas redações. Jornalismo e Literatura se uniam em páginas impressas, com a escrita de crônicas e folhetins. Com o passar do tempo e a industrialização do conteúdo jornalístico, os ficcionistas se afastam do ambiente jornalístico, que passa a ser ocupado por profissionais da área, os jornalistas. Atualmente, eles realizam um retorno à linguagem literária com a utilização de elementos do Jornalismo Literário, gênero híbrido que permite a subjetividade do autor. Neste texto, analisaremos a presença do gênero no caderno especial *Olhares*, lançado pelo *Jornal O Povo* em 13 de abril de 2009 em comemoração aos 283 anos da cidade de Fortaleza. A vida urbana, base da produção jornalística, ganha traços literários através da criatividade do escritor.

Palavras-chave

Cidade; Jornalismo; Literatura; Jornalismo Literário.

Introdução

As cidades são cenário e companhia para a maioria das pessoas. Estatísticas comprovam: 81,23% da população brasileira vive em centros urbanos⁴. Seja como espaço de passagem ou local de apego e sentimentos, a cidade é o lugar em que tudo acontece, todos se encontram. Principalmente o indivíduo e o espaço. Quando se aproximam artista e cidade, o cotidiano da vida urbana, como fenômeno, é alimento para criação. Prédios altos, grandes avenidas, carros, pessoas, movimento, asfalto, ruídos, placas publicitárias e mais prédios altos... Tudo pode servir de inspiração para quem, com sensibilidade, percebe a cidade.

Os meios de comunicação são nutridos e nutrem a vida urbana. Relação de troca, diálogo. O fenômeno da vida urbana alimenta o fluxo de notícias, assim como a

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante do 7º semestre do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: lazarimariana@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Mestre em Letras (UFC) e professor do Instituto de Cultura e Arte (ICA-UFC). E-mail: pintiar@uol.com.br

⁴ Segundo o Censo Demográfico 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Fonte: <http://www1.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/11122001onu.shtm>. Acesso em 14 de maio de 2010.



representação noticiosa contribui para a formação de uma imagem social da cidade como território de transformações (cf. JUNIOR *in* CUNHA; PRYSTHON, 2008). Mídia e cidade: pré-requisitos para existência mútua. Diariamente, o que acontece nas ruas é traduzido na televisão, no rádio, na Internet, na imprensa. Assim, através da visão de um jornalista, profissional mediador de tal relação, podem-se adquirir conhecimentos. Conhece-se o que está distante, mas – e principalmente –, conhece-se o que já era conhecido. Afinal, a cidade é um espaço coletivo, vivido por todos, mas interpretado subjetiva e pessoalmente. Construimos a nossa cidade a partir dos caminhos percorridos e da relação sentimental. Através dos meios de comunicação, leituras pessoais se cruzam e é possível (re)construir a cidade vivida.

Várias podem ser as maneiras de ler a cidade, que é, como lembra Raquel Rolnik (1995), uma forma de escrita. Jornalismo e Literatura podem ser o resultado dessa leitura. Diariamente, a cidade é montada e desmontada nas páginas dos jornais. Na Literatura, acontece o mesmo. Muitos autores se inspiram no cotidiano para criar histórias e personagens. Obviamente, cada linguagem tem a sua maneira de ver a cidade. Porém, há elementos que ora as unem, ora as separam, mantendo uma tênue linha entre elas. Essa divisão pode ser rompida com o auxílio de jornalistas com alma de escritor ou escritores com visão de jornalista, que conseguem apresentar a cidade para os cidadãos de maneira, ao mesmo tempo, clara, precisa – como pede o Jornalismo –, subjetiva e pessoal – como permite a Literatura.

Discutiremos neste texto a interseção de Jornalismo e Literatura na leitura da cidade em um tempo no qual predomina o jornalismo mecânico (cf. VICCHIATTI, 2005). As ideias aqui apresentadas fazem parte da pesquisa de monografia *Fortaleza Literária: A Cidade como Personagem de Grandes Reportagens no Jornal O Povo*. Pretendemos nesta pesquisa dialogar sobre a cidade de Fortaleza que aparece em textos mistos de Jornalismo e Literatura, realidade e subjetividade, nas páginas deste que é o mais antigo jornal em circulação no Ceará, no dia do aniversário da cidade – 13 de abril.

Para este artigo, selecionamos um caderno de uma das séries que serão estudadas. O caderno, chamado *Olhares*, foi publicado no dia 13 de abril de 2009, sendo o primeiro de cinco que fazem parte do projeto *Fortaleza – Sentidos da cidade*, que circulou entre os dias 13 e 17 de abril daquele ano. A proposta era de olhar, degustar, ouvir, sentir e cheirar a cidade na semana em que ela completou 283 anos. Cada sentido



foi destaque em um caderno. Como explica a editora Regina Ribeiro, em texto de abertura do primeiro caderno, “por alguns dias os repórteres Raquel Chaves, Mariana Toniatti, Tiago Coutinho, Henrique Araújo e Juliana Girão esquadrinharam Fortaleza, numa perspectiva de examiná-la a partir de cada um dos sentidos” (Jornal O Povo, 13 de abril de 2009).

A partir da leitura dos textos do caderno *Olhares*, escrito por Raquel Chaves, observamos a predominância de um olhar subjetivo sobre a cidade. Em andanças por uma Fortaleza vivida diariamente pela repórter, o “convite” para enxergar essa que é a quinta cidade mais populosa do país⁵ se tornou um desafio “tentador”, segundo confessa a própria jornalista. Como uma *flâneuse* contemporânea, andando entre construções e pessoas, na rua, exercitando o exercício da *flanerie*, Raquel opina, comenta, sente a cidade. Tal atitude é percebida na construção narrativa dos textos do caderno.

No princípio, a “pena de aluguel”⁶

A proximidade entre Literatura, Jornalismo e cidade faz parte da história da imprensa. Na imprensa brasileira, o Jornalismo nasce com auxílio da “mão-de-obra” da Literatura. A chegada da primeira tipografia acontece em 1808, com a transferência da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro (cf. LUCA, MARTINS, 2006). No começo do século XIX, são impressos por aqui os primeiros livros e jornais. A partir daí, escritores visualizam nas redações uma alternativa para sobreviver da palavra, ganhando visibilidade e, claro, um “salário” no fim do mês. Segundo Felipe Pena (2006), nos séculos XVIII e XIX, “escritores de prestígio tomaram conta dos jornais e descobriram a força do novo espaço público. Não apenas comandando as redações, mas, principalmente, determinando a linguagem e o conteúdo dos jornais” (p.28).

Ronaldo Salgado (2006), em pesquisa sobre a escrita híbrida do repórter/escritor Paulo Barreto, conhecido como João do Rio, afirma que “a presença e o trabalho dos escritores nas redações de jornais têm um incremento considerável na virada do século

⁵ Fonte: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1435&id_pagina=1. Acesso em 16 de maio de 2010.

⁶ *Pena de Aluguel – Escritores jornalistas no Brasil 1904-2004* é o título do livro de Cristiane Costa sobre a relação que se estabelece entre Jornalismo e Literatura na imprensa desde o começo do século XX. No livro, a jornalista reconta a história de pesquisa realizada em 1904 pelo escritor e jornalista João do Rio. Naquele ano, uma enquete com os principais intelectuais da época, como José de Alencar, Machado de Assis e Olavo Bilac, questionava a influência dos gêneros e o que a aproximação entre as duas escritas representava para a arte literária.



[XIX para o XX], estendendo-se significativamente até o final dos anos 20 do século passado” (p.53). Os escritores eram editores, redatores, repórteres, além de autores de folhetins e crônicas, gêneros híbridos de Jornalismo e Literatura. “Publicar narrativas literárias em jornais proporcionava um significativo aumento nas vendas e possibilitava uma diminuição nos preços, o que aumentava o número de leitores e assim por diante” (PENA, 2006, p.29).

Crônica e folhetim são o princípio de uma história de interseção das linguagens jornalística e literária. “De acordo com Massaud Moisés, a brevidade, a subjetividade, a ambiguidade e a efemeridade são as principais características do gênero [crônica], às quais se podem agregar outros atributos essenciais, tais como: o diálogo, o estilo entre o coloquial e o literário, a temática do cotidiano etc” (SALGADO, 2006, p.135). Já os folhetins, “narrativas romanescas cujos capítulos eram publicados nos periódicos e atraíam um grande número de leitores” (PENA, 2006, p.40), permitiam o acesso dos leitores à Literatura. *Cinco minutos*, de Machado de Assis, por exemplo, foi publicado, primeiramente, em folhetim, no *Diário do Rio de Janeiro*, onde o autor era editor-chefe. A publicação de Literatura na imprensa cumpria com os objetivos do escritor e da empresa: “os jornais precisavam vender e os autores queriam ser lidos” (PENA, 2006, p.32).

Na década de 1950, com as transformações estilísticas e gráficas dos jornais, a mudança já está consolidada. A objetividade e a concisão substituem as belas narrativas. A preocupação com a novidade e os *fait divers* assume a função principal na pauta. A Literatura é apenas um suplemento (PENA, 2006, p.40).

Atualmente, raros são os escritores que permanecem escrevendo diariamente na imprensa. Normalmente, cronistas, contistas e romancistas são colaboradores das publicações, escrevendo em espaços reservados para as narrativas literárias, como nos cadernos literários ou culturais, suplementos do jornal, além de colunas em revistas. No cotidiano das redações, permanecem os jornalistas, profissionais formados – ou não – e conhecedores da dinâmica produtiva do Jornalismo.

Esse cotidiano profissional parece ser, para a maioria dos autores pesquisados, o fator determinante para a atual separação das linguagens jornalística e literária e a ausência de escritores nas redações. Ciro Marcondes Filho (1989) acredita que a transformação da imprensa em empresa de comunicação, guiada pelo modo capitalista



de produção, termina com as possibilidades criativas do jornalista. A produção industrial da notícia cria um jornalismo “mecânico”, já que

a atividade jornalística, marcada por forte ritmo de periodicidade, repetida a intervalos relativamente curtos, obriga os veículos de imprensa a recortarem o tempo em frações limitadas, a debruçarem-se sobre o hoje, tentando explicar acontecimentos cuja origem, em muitos casos, desenhou-se num tempo distante e cuja consequência prosseguirá além do horizonte temporal imediato (VICCHIATTI, 2005, p.25).

Longe das polêmicas e aparentemente contrários à mercantilização da notícia, alguns jornais permitem aos repórteres a quebra da rotina produtiva e a utilização de um “olhar narrativizante” (LEAL in: FRANÇA, GUIMARÃES (Orgs.), 2006) na construção textual. Em textos híbridos, os jornais abrem espaço para a subjetividade, permitindo que repórter e leitor caminhem juntos pela narrativa, ora jornalística, ora literária. Fatos reais ganham toques românticos. Foge-se do *lead*⁷ e da fôrma; supera-se a pressão do tempo e do espaço; e produzem-se obras de arte, como lembra Antonio Olinto (1960). “O importante é que o repórter conquiste uma linguagem pessoal e consiga libertar-se da imitação, porque a obra de arte – seja conto, romance ou reportagem – tem de ser uma mensagem individual, extraída de uma realidade comum a todos” (OLINTO, 1960, p.104).

Jornal: um produto do capitalismo

A imprensa nasce da necessidade de transmissão das informações. Quando a comunicação oral não era mais considerada suficiente, já que a população crescia e as distâncias aumentavam, o registro se torna a alternativa para propagar informações. Além disso, “é a invenção dos tipos impressos que vai possibilitar o advento do Jornalismo moderno” (PENA, 2006, 27).

Ciro Marcondes Filho (1989) divide a história do Jornalismo em cinco épocas. No começo, a base era a produção artesanal.

Aqui ainda se trata da imprensa manual, de caracteres gutenberguianos adaptados à produção contínua de novos anúncios públicos. [...] A função da imprensa nesse contexto é a de ser somente um intermediário em um processo no qual o decisivo são os dois outros pólos: o homem que vê,

⁷ O quê? Quem? Quando? Onde? Por quê? Como? Seis perguntas sobre o fato noticiado que devem ser respondidas pelo jornalista no primeiro parágrafo do texto.



que toma conhecimento, e aquele a quem interessa esse conhecer (FILHO, 1989, p.58-59).

A segunda fase representa a passagem de uma imprensa informativa para uma imprensa de opinião. É o nascimento do jornalismo literário e político. O que importava era propagar os ideais políticos do período e da classe burguesa. Os interesses econômicos ficam em segundo plano.

No terceiro período, iniciado após 1830,

acompanhando a expansão industrial acelerada do início do século, a produção de bens em massa e conseqüente dilatação do mercado, a ampliação da exploração colonial e a afirmação política e econômica da nova classe dominante, a imprensa começa a transformar-se. [...] É o período de maturidade da imprensa como empresa capitalista que começa a surgir aqui (FILHO, 1989, p.63-64).

Tal mudança determina, segundo o autor, a opressão da opinião dos jornalistas. Agora quem manda no conteúdo é o proprietário do jornal. É o nascimento da imprensa de massa.

A consolidação da imprensa como negócio acontece no final do século XIX. A informação torna-se propriedade de poucos grupos econômicos e a notícia, um produto.

A grande mudança que se opera nesse tipo de imprensa é a inversão de importância e de preocupação quanto ao caráter de mercadoria do jornal. O seu valor de troca, a venda dos espaços publicitários para assegurar a sustentação e a sobrevivência econômica, passa a ser prioritário em relação ao valor de uso, a parte puramente redacional-noticiosa dos jornais (FILHO, 1989, p.67).

Para o autor, inevitavelmente o jornalista, funcionário da empresa jornalística, se submete ao processo de produção centrado na venda e no lucro. A opinião e a criatividade do profissional precisam ser deixadas de lado em benefício da produtividade e da venda. O Jornalismo e o relógio são inimigos. O jornal de amanhã não espera o momento de inspiração literária do jornalista para chegar. Como afirma Antonio Olinto (1960), “o conjunto de circunstâncias tais como horário, condições materiais de serviço, diretores de jornal, embora inseparável do jornal como realidade, pode formar uma cadeia de pequenas prisões de que jornalista comum não consiga escapar” (p.82). É preciso obedecer ao ritmo da produção. É a lógica capitalista.



O fato de êle [sic] [o jornal] ser impresso da maneira porque o é, surgiu da necessidade de rapidez entre a notícia recebida e a sua divulgação em forma escrita. O desenvolvimento industrial do mundo, a invenção das máquinas, linotipos, teletipos, rotativas, tudo isso obedeceu ao desejo de pressa, à necessidade de um ajustamento material entre uma organização que produz e o objeto por ela produzido (OLINTO, 1960, p.80).

O novo é o elemento determinante da presença ou ausência de um conteúdo do jornal. Vende-se a novidade, o agora, o factual. Sim, o Jornalismo precisa contribuir para que se conheça o que está acontecendo. Porém, vincular-se unicamente à atualidade, fragmentando a realidade em notícias curtas, *boxes* com informações como porcentagens, custos, nomes, é tornar o cotidiano um grande quebra-cabeças. Compreender o mundo lendo o jornal é unir peças. Falta contextualização. Falta o antes e o depois do fato. Sobram detalhes de algo que já passou.

Não se quer dizer, com isso, que os assuntos que estejam em voga não mereçam discussão, mas, decerto, há vários temas ainda obscuros, que os jornalistas não se dão ao [sic] trabalho de investigar. Preferem ficar sob a luz dos assuntos que já conhecem e com os quais têm familiaridade – assuntos estes que não passam de meras trivialidades, na imensa maioria dos casos (VICCHIATTI, 2005, p.58).

Na contramão dessa tendência observada na imprensa, repórteres com sensibilidade e talento linguístico conseguem extrair poesia de fatos cotidianos. Construindo textos que fogem do modelo jornalístico estabelecido com a mercantilização da notícia, repórteres/escritores se permitem refletir sobre o fato e conseguem provocar reflexões no leitor.

Entre o real e o imaginário: o jornalismo literário como opção para o jornalismo diário

Poder sentir a história. Antes de escrever o texto, conversar com seus personagens. Afinal, são elas que dizem *o quê, quando, onde, por quê e como* aconteceu aquele fato. Viver a cidade: esse poderia ser o cotidiano do jornalista. Afinal, como falar sobre algo sem conhecê-lo? Como explicar para alguém – o leitor – sem entender completamente o contexto, os motivos daquele acontecimento? Com a definição do jornal como um produto, da notícia como mercadoria e do tempo como principal inimigo da imprensa, essas preocupações, que deveriam fazer parte da rotina do jornalista, se perdem. O repórter, que viveria em busca de boas histórias e se aproximaria do leitor ao ouvi-lo, torna-se um mero apreciador passageiro dos fatos.



Como lembra Vicchiatti (2005), o jornalismo “precisa dar ao público a sensação de que a vida não é apenas uma sequência de fatos ocasionais” (p.57). Afinal, “a sociedade atualmente necessita do jornalista pluralista, aquele que tenha condições de enxergar algo mais, além daquilo que a realidade apresenta em seu cotidiano” (VICCHIATTI, 2005, p.51). Com a união de Jornalismo e Literatura é possível aproximar, atrair, emocionar. As diferenças entre as duas linguagens permitem a construção de narrativas híbridas, já que

o jornalista não inventa diálogos, não cria o que é denominado personagem complexo (tirado de várias pessoas), não penetra no pensamento das pessoas (a não ser que esses pensamentos sejam revelados em entrevistas), não reconstitui sentimento de mortos (jamais serão reais, no sentido mais amplo da palavra). Se o fizer, o jornalista e o trabalho por ele produzido perdem a credibilidade. Já o escritor pode dizer coisas dúbias, insinuar o que não é dito, pode interpretar gestos não feitos. Sua matéria-prima é o imaginário. A matéria-prima do jornalista, por sua vez, é o real. (VICCHIATTI, 2005, p.91)

No Jornalismo, narrar caminhando entre as linguagens jornalística e literária é possível quando o jornalista dispõe do espaço e do tempo de apuração da reportagem, afinal, como lembra Eliane Brum (2008), “é a realidade que impõe o andamento da reportagem – e não o contrário” (p.37). E a realidade está acontecendo na rua, e não através de telefone, *e-mail* ou fax – objetos de apoio à prática profissional, mas que são, muitas vezes, usados como únicos instrumentos de apuração. Apurar é ver, sentir, olhar de perto – o que nenhum aparelho permite que se faça. Por isso, o jornalista Ricardo Kotscho (1995) frisa: “lugar de repórter é na rua” (p.12).

Sendo reflexo do cotidiano, produto do mundo capitalista ou simplesmente um suporte, o jornal é um meio de comunicação que se desenvolve em sintonia com as ruas, veias e artérias da cidade. Cidade que é labirinto, espaço múltiplo, estado de espírito, experiência. A vida urbana é construída como uma narrativa pelo sujeito. Nas reportagens jornalísticas, outra cidade é montada. O objetivo é que o leitor/comprador se reconheça nos textos. Como lembra José Afonso da Silva Junior (In: CUNHA, PRYSTHON (orgs.), 2008), “o jornal é uma mídia das ruas, dos espaços urbanos” (p.148). O repórter é, portanto, o mediador da relação leitor/cidade. Como um *flâneur* contemporâneo, perambula pelas ruas e observa a cidade, da qual faz parte. Assim como fazia João do Rio, ao inaugurar o Jornalismo de cidades como conhecemos atualmente, descrevendo e vivendo o Rio de Janeiro (cf. SALGADO, 2006).



Portanto, refletir um espaço múltiplo em textos significa a criação de textos múltiplos. E aqui não nos referimos apenas aos gêneros jornalísticos, tais como notícia, entrevista, reportagem, crônica. Falamos de linguagem, de narrativa.

As narrativas constituem o eixo do nosso olhar conhecedor – ponto de fuga através do qual torna-se possível apreender o cotidiano, as múltiplas transformações que o atravessam e o retiram, enquanto [sic] objeto de estudo, dos campos “endurecidos” do conhecimento (FRANÇA, GUIMARÃES, 2006, p.8).

Todo texto é o resultado de uma experiência. Mesmo sob pressão de tempo e limites de espaço, o texto jornalístico requer contato com o assunto, diálogo. Saber ouvir é uma qualidade essencial do jornalista. Para transportar o que foi ouvido para o papel é preciso talento. E é o talento do profissional que determinará a construção narrativa da história. Para despertar no leitor o interesse no escrito, mais do que uma manchete bem formulada, é preciso informar. Para isso, porém,

é necessário que o profissional de comunicação ultrapasse as barreiras do simples relato do *lead*. O desenvolvimento de uma informação completa e capaz de gerar repercussão satisfatória entre o público telespectador deve ser feito de forma que deixe liberdade de raciocínio e conclusão analítica por parte da massa, que por sua vez não deve apenas deglutir passivamente a notícia (VICCHIATTI, 2005, p.45).

Carlos Alberto Vicchiatti (2005) defende a importância da presença de elementos estéticos no texto jornalístico. Elementos tais que desconstruam o Jornalismo como prática mecânica. É preciso olhar o mundo de outra maneira e traduzir isso em palavras. Uma alternativa seria unir ao Jornalismo a Literatura e suas possibilidades criativas.

Para Antonio Olinto (1960), “o jornalismo tem, fundamentalmente, as mesmas possibilidades que a Literatura de produzir obras de arte” (p.77). O motivo? Ambas as linguagens utilizam a mesma matéria-prima: a palavra. E “a palavra é maleável, assume aspectos inesperados, ganha sentidos impensados, segue o caminho que seu criador eventual determina” (OLINTO, 1960, p.133). Enquanto uma tem compromisso com a realidade, nascendo sob pressão de tempo, de espaço, de uma pauta e um modo de produção capitalista, a outra, a Literatura, “se permite ser ambígua, dialógica, conotativa e povoada de personagens desprovidos da obrigatoriedade de proximidade com o real” (VICCHIATTI, 2005, p.85). Apesar das diferenças, a separação de Jornalismo e Literatura é facilmente superável pelo talento do jornalista. A criatividade e o “olhar



narrativizante” do repórter pode transformá-lo em escritor. Independentemente do assunto. E isso ocorre mesmo fazendo parte de uma empresa, regida pelas normas capitalistas.

O Jornalismo Literário, porém, representa muito mais do que a quebra das rotinas jornalísticas.

Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos (PENA, 2006, p.13).

Não é uma proposta de fuga da realidade. Apesar de a Literatura permitir criações e passeios subjetivos por histórias irreais, o Jornalismo, como lembra Ciro Marcondes Filho (1989), “é essencialmente mundano” (p.38) e assim deve permanecer.

A união das duas linguagens é uma possibilidade de atrair o leitor e oferecer um novo ponto de vista sobre a realidade. Contextualização, um “avanço”, segundo Vicchiatti (2005). Para o autor, “o que ocorre na construção dessa narrativa híbrida é a busca da arquitetura textual complexa da literatura para retratar a informação factual característica do jornalismo” (p.87).

Como observamos nesta pesquisa, o assunto não determina as possibilidades narrativas da reportagem. “O bom repórter pode ser, por exemplo, aquele que é capaz de contar bem um fato ocorrido na esquina de sua casa. Ou, em outro extremo, aquele que vai até o fim do mundo no encalço de uma boa história” (DANTAS, 1998, p.10). E não há fórmula para a boa história. Prova disso é a temática dos textos estudados: Fortaleza. Uma cidade, simplesmente. Cenário recorrente nos jornais diários. Lugar de passagem, de vivências. E talvez por isso mesmo tão rico em possibilidades narrativas.

Todos os Olhares para uma cidade

A cidade é uma construção coletiva e individual. Diariamente assunto nos jornais, ela é, principalmente, um cenário, citada no *lead*, como resposta da pergunta ao questionamento *onde*. Contar a cidade em texto é possibilidade rara de fixar uma história, um momento. No jornal, o cotidiano é destruído e reconstruído diariamente, como um palimpsesto. “O espaço urbano é atravessado, perfurado pelo tempo, pelos



fluxos de pessoas e imagens, por sons e variados ruídos. Em tal contexto, a visão é compulsoriamente desvelada em sua potência de construção e em sua dinâmica de remontagem” (ROCHA in: CUNHA, PRYSTHON, 2008, p.92).

No caso do *Jornal O Povo*, olhar a cidade de forma diferente é atitude jornalística reservada a reportagens especiais do dia 13 de abril – e, algumas vezes, aos dias subsequentes –, quando Fortaleza, ponto de partida do jornal, aniversaria. Mesmo com a urbanidade em constante mudança, em uma época em que pertencer a um só lugar parece difícil, nesse dia, o jornal pertence à Fortaleza e a cidade torna-se protagonista do jornal. Apesar de ser um texto datado, a narrativa construída é atemporal. Uma história é fixada e o jornal, normalmente perecível e descartável, se estabelece como texto mais do que como um suporte de palavras e imagens.

Normalmente viajantes passageiros dessa cidade, no dia do aniversário parecemos convidados a observar os espaços com outro olhar. Não é encontrar novidades, fatos “noticiáveis” ou histórias sensacionais que possam virar assunto de jornal. É ver o cotidiano de outra forma. Afinal, como lembra Vicchiatti (2005), “não são os temas das histórias contadas que definem a característica de uma narrativa” (p.83).

Saber o cotidiano, compreendendo as experiências comunicacionais do dia-a-dia e sua relação com as mídias e seus produtos, requer uma atenção especial às suas narrativas. Estas, porém, não são um dado, uma “coisa”, requerem, ao contrário, a elaboração de um “olhar narrativizante”, que estabeleça as articulações entre os diversos fragmentos em circulação. (LEAL in: FRANÇA, GUIMARÃES, 2006, p.20-21).

A observação diferenciada possibilita a construção de narrativas híbridas, que passeiam entre o Jornalismo e a Literatura. No texto de abertura do caderno *Olhares, Feito cartão postal*, a repórter Raquel Chaves, utilizando esse recurso linguístico, se permite opinar e dialogar com o leitor, atitudes normalmente ausentes do cotidiano profissional e dos textos jornalísticos cotidianos.

Materializar essa idéia e abarcar a cidade com os “olhos de ver” da socióloga Lídia Pimentel *foi muito prazeroso*. Como o foi ter com seu Moreira, o porteiro que fez de seu bairro um pedacinho de Baturité; e ouvir o publicitário Celso Nóbrega falar com tanta propriedade sobre a cidade em que ele reside há 23 anos, sem nunca a ter visto. *Foi enriquecedor* ouvir o cantor Falcão apontar as “duas Fortalezas”; e saber que o escritor e compositor Augusto Pontes também gosta de deambular por Fortaleza, “uma cidade plana, com ruas estreitas que, de repente, se abrem para um espaço amplo que é uma coisa desconcertantemente



linda”. [...] Augusto Pontes tem 73 anos. Mas poderia ter a *minha idade*. Poderia ter a sua, *que me lê*.” [grifos nossos] (CHAVES, Jornal O Povo, 13 de abril de 2009).

As expressões destacadas – *foi muito prazeroso, foi enriquecedor, minha idade, que me lê* – mostram como a repórter opina e se coloca no texto.

Jornalismo pressupõe também a entrevista, o diálogo com personagens da história a ser contada. No caso do texto *Fortaleza menina*, Raquel Chaves relata o passeio pela cidade com Jéssica Rocha de Oliveira, uma criança de 10 anos moradora de uma comunidade carente da cidade. Com uma câmera fotográfica na mão, criança e repórter *flanam* pela cidade.

Os olhos de criança e a máquina em sua mão também registraram as pessoas desfrutando do nada, com sorrisos estirados na areia. A mesma areia que virou matéria-prima para obras dos artistas de rua. *Clic!* As ondas, o balanço dos coqueiros. *Clic!* Jéssica também ouvira falar que na avenida Beira Mar “tinha um trenzinho animado”. Uma tampa de esgoto de onde brotava água fétida. “Isso eu já vi”. Mas como por ali destoava do ambiente, *clic!*, mais registro fotográfico. Era o cruzamento da avenida Beira Mar com a rua Tereza Hinko. “O que tem subindo essa rua?”. (idem)

Nesse trecho é possível observar a presença de Literatura e Jornalismo entrelaçados. Percebe-se claramente a situação vivida – como pede o Jornalismo – porém, elementos literário-descritivos possibilitam a visualização de cenas, como acontece nos romances. A utilização da onomatopeia *clic* como elemento de coesão entre as frases consegue transportar o leitor para o momento do passeio. É como se pudéssemos, ao “ouvir” a reprodução do ruído produzido pela câmera fotográfica, perceber o encanto de Jéssica com as situações observadas e como isso a incentivava a fotografar.

No texto *Lugares descortinados*, as primeiras frases demonstram o estilo da repórter: “– Para! Para! Quero descer aqui. / – Calma, o que foi, Dário? / – Isso aqui é outra cidade!” (idem). A reprodução de um diálogo entre a jornalista e o repórter fotográfico Dário Gabriel, no lugar do *lead*, início tradicional do texto jornalístico, mostra a mistura das linguagens jornalística e literária.

A linguagem é um processo de interação entre a língua e a fala e, nessa condição, implica movimento. A produção de texto é uma das formas de linguagem e, como tal, deve envolver bem mais do que apenas um grupo de palavras disposto de forma ordenada dentro de regras gramaticais. O texto tem



de encerrar, em sua essência, um sentido linguístico em relação a uma situação social (VICCHIATTI, 2005, p.43).

A repórter conclui esse texto, após dialogar sobre as mudanças vistas na cidade durante os 283 anos, comemorados na data, comentando o que é preciso para ver Fortaleza:

Precisa-se ter (ou estar com) “olhos de esponja” para imprimir as imagens de tantas fortalezas dentro da quinta cidade mais populosa do Brasil. Precisam estar abertos e porosos como os do cronista de tempos idos João do Rio, para absorver “a alma encantadora das ruas”. (CHAVES, Jornal O Povo, 13 de abril de 2009).

Na reportagem *O que a vista alcança*, Raquel conversa com três idosos que, beneficiados por um projeto, fizeram um sobrevoo pela cidade. Podemos observar na construção da narrativa a reprodução exata das expressões e entonações dos entrevistados:

Elas nunca imaginaram que um dia veriam Fortaleza do céu. Muito menos depois dos 70 anos de vida. “Eu lembro demais! *Ave, Maria!* Foi muito bom! O que mais marcou foi a gente olhar e *ver os prédios tudo bem pequenininho, né? Láááá embaixo.* Tudo muito bonito. Fortaleza é bonita de cima”. Entre sorrisos múltiplos e exclamações idem, dona Rita Cândida, de sobrenome Luz, vai entranhando a memória em um passado recente [*grifos nossos*] (idem).

A escrita do primeiro parágrafo, o *lead* jornalístico, com a transcrição literal das palavras ditas pelas personagens, há uma ruptura com as fôrmas normalmente usadas na imprensa. Escrever “láááá” dessa forma demonstra a preocupação em ser fiel à realidade de maneira literária. União de linguagens feita por uma repórter com sensibilidade, transmitindo ao leitor que houve contato com os entrevistados.

Em texto coordenado dessa reportagem, intitulado *Modernidade esconde os afetos*, a descrição do espaço consegue provocar o olhar – objetivo do caderno.

Imagem antiga: um terraço mediano, aberto, mãos acenando a quem chegasse ou partisse - muitas vezes independentemente de quem fosse o viajante. Lágrimas de saudade, ou de emoção, discretas ou não, rolavam por ali enquanto as pessoas chegavam aos aviões por chão, a pé, ou os deixavam da mesma forma. Imagem atual: Um imenso terraço fechado emoldurado por vidraças, através das quais não mais se veem acenos ou chororôs emocionados. Do outro lado, imensos túneis que carregam nossos afetos até os aviões. Dali eles partem e chegam, sempre invisíveis (idem).

Nos demais textos do caderno *Olhares*, Raquel Chaves entrevista a socióloga e pesquisadora Lídia Valesca Pimentel (*Marque um encontro com Fortaleza*) e apresenta



fortalezenses cegos, que nunca viram, mas sentem a cidade em que vivem (*Cidade imaginada*). Há ainda um artigo do sociólogo e professor Vancarder Brito Sousa sobre as mudanças da cidade (*Uma cidade que se acelera*).

Considerações finais

O Jornalismo Literário aparece, atualmente, como uma alternativa para o jornal se tornar, mais do que um produto, um meio de pesquisa, de leitura recorrente. Os textos híbridos conseguem ultrapassar limites temporais e factuais. E quem constrói tais textos é um jornalista com sensibilidade de escritor, capaz de criar narrativas sobre o cotidiano.

A possibilidade de fugir dos padrões jornalísticos impostos pelas empresas de comunicação faz do gênero híbrido uma opção para a sustentabilidade da imprensa. No começo, escritores, que atuavam como repórteres, redatores e editores, conseguiram levar para as páginas impressas, sedentas por informação, um mundo ficcional, criado para distrair. Com o tempo, a linguagem literária foi sendo deixada de lado, presa, muitas vezes, a cadernos especiais. Na pesquisa que desenvolvemos, podemos perceber que, apesar de presente em alguns momentos e em projetos especiais – como para a comemoração do aniversário da cidade –, Jornalismo e Literatura seguem dialogando nas páginas impressas.

Não queremos aqui determinar que a presença de textos híbridos seja a solução para o incremento das vendas dos jornais. Afinal, como mostramos, esse tipo de narrativa está presente apenas em ocasiões e espaços especiais. Mas, certamente, quem lê o jornal prefere mergulhar em um texto humano, sensível, criativo, que pode ser guardado e lido outras vezes sem se tornar ultrapassado e apresenta um olhar narrativizante sobre a realidade e o cotidiano.

Referências bibliográficas

BRUM, Eliane. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. São Paulo: Globo, 2008.

CHAVES, Raquel. Olhares. **Jornal O Povo**, Fortaleza, 13 de abril de 2009.

COSTA, Cristiane. **Pena de aluguel – Escritores jornalistas no Brasil 1904-2004**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.



DANTAS, Audálio. (Org.). **Repórteres**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 1998.

FILHO, Ciro Marcondes. **O capital da notícia – Jornalismo como produção social da segunda natureza**. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1989.

JUNIOR, José Afonso da Silva. Fluxos de notícias e cidades: redes digitais, urbanidade e o lugar do jornal. In: CUNHA, Paulo; PRYSTHON, Angela (Orgs.). **Ecossistemas Urbanos: a cidade e suas articulações midiáticas**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

LEAL, Bruno. Saber das narrativas: narrar. In FRANÇA, Vera; GUIMARÃES, César (Orgs.). **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza. **Imprensa e cidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

OLINTO, Antonio. **2 Ensaios – O “journal” de André Gide e Jornalismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1960.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SALGADO, Ronaldo. **A crônica reporteira de João do Rio**. Fortaleza: Laboratório de Estudos da Oralidade / Expressão Gráfica e Editora Ltda., 2006.

VICCHIATTI, Carlos Alberto. **Jornalismo: comunicação, literatura e compromisso social**. São Paulo: Paulus, 2005.